

ainda mais: levam-nos a considerar o fenómeno não já sob o ponto de vista puramente descritivo, mas sob o ponto de vista *dinâmico*. Num dado momento, a idéa do acto ordenado durante a hipnose não foi somente um objecto da consciência: revelou-se também eficiente, e é esse o aspecto mais notável d'êste estado de coisas; traduziu-se em acto desde que a consciência ponde notar a sua presença. E pois que o verdadeiro impulso a agir emana da ordem dada pelo médico, é preciso crer que a idéa da ordem recebida também se mostrou eficiente.

Todavia esta idéa não pode, como o seu produto — a idéa do acto — penetrar no consciente; e ficou no inconsciente e assim, ela é, ao mesmo tempo, *inconsciente* e *eficiente*.

A sugestão post-hipnótica é um produto de laboratório, um fenómeno artificialmente provocado. Mas se nós admitirmos a teoria dos fenómenos histéricos estabelecida primeiramente por P. Janet e desenvolvida por Breuer e por mim, encontramos na posse dumã multidão de factos naturais que nos mostram ainda com mais clareza e nitidez o carácter psicológico da sugestão post-hipnótica.

A vida psíquica dos histéricos é cheia de pensamentos eficientes, se bem que inconscientes, e é d'êstes que emanam todos os sintomas. De facto, êstes doentes são dominados pelas suas representações inconscientes, e é mesmo esse o traço mais saliente da sua disposição de espírito. Quando uma histérica vomita talvez o faça em virtude de inconscientemente se julgar grávida. Todavia não tem nenhum conhecimento desta idéa, que no entanto pode facilmente ser posta em evidência, na sua vida psíquica, e tornada consciente, por um dos processos técnicos da psicanálise. Quando a histérica faz os gestos, os movimentos espasmódicos que constituem o seu «acesso», ela não se representa conscientemente o acto a que tende, e considera-os talvez com os sentimentos dum espectador desinteressado. Nem por isso é menos verdade que a análise consegue provar que ela desempenhava o seu papel nesta reprodução dramatisada dum acontecimento da sua vida, acontecimento cuja recordação estava, durante o ataque, inconscientemente activa. A análise mostra que êste mesmo predomínio das idéias activas inconscientes é

essencial na psicologia de todas as outras formas de nevroses.

A análise dos fenómenos nevróticos ensina-nos que um pensamento extinto ou inconsciente não é necessariamente fraco, e que a sua presença na vida psíquica é susceptível de ser demonstrada da maneira mais convincente, por provas indirectas. A convicção que se nos impõe é quasi equivalente às que nos dão as provas directas emanadas do consciente. Pensamos estar no direito de modificar a nossa classificação, para a pormos de acôrdo com êste enriquecimento dos nossos conhecimentos, estabelecendo uma diferença fundamental entre diversas categorias de pensamentos latentes e inconscientes. Estávamos habituados a julgar que todo o pensamento latente não era latente senão pelo facto da sua fraqueza, e que ao adquirir alguma força se tornava logo consciente. Estamos hoje convencidos da existência de certos pensamentos latentes que, qualquer que seja a sua potência, não penetram no consciente. Eis porque qualificaremos de *pre-conscientes* os pensamentos latentes do primeiro grupo, enquanto reservaremos para os do segundo grupo, por nós estudados no caso das nevroses, a denominação de *inconscientes* propriamente ditos. O termo «inconscientes», que até aqui só tínhamos utilizado no sentido descritivo, toma agora um sentido mais vasto. Já não designa só os pensamentos latentes em geral, mas em particular os que teem um carácter dinâmico, principalmente os que, apesar da sua intensidade e da sua eficiência, ficam afastados do consciente.

Antes de prosseguir na minha exposição, devo responder adiantadamente a duas objecções eventuais. A primeira pode assim formular-se: um lugar de adoptar a hipótese d'êstes pensamentos inconscientes dos quais nada sabemos, porque não admitir uma divisão do consciente, de tal modo que certos pensamentos ou certos outros processos psíquicos possam formar um consciente à parte, destacado do bloco principal da actividade psíquica consciente e tornado assim estranho a esta? Casos patológicos bem conhecidos, tais como os do Dr. Azam, por exemplo, parecem feitos para provar que a desagregação do consciente não é senão uma simples quimera.

Permito-me objectar aqui a esta teoria, que ela simplesmente se apoia num mau